



GOMA-LACA



AFROBRASILIDADES

EM 78 RPM





GOMA-LACA

AFROBRASILIDADES EM 78 RPM

Goma-Laca é um núcleo de descobertas sobre a música brasileira da primeira metade do Século XX, registrada nos antigos discos que giravam a 78 rotações por minuto. Produzidas no Brasil entre 1902 e 1964, as chapas eram fabricadas a partir de uma mistura de cera de carnaúba e goma-laca em pó. Desde 2009, o **Goma-Laca** busca o intercâmbio entre acervos e gerações propondo olhares e investigando contextos e contemporaneidades.

Sob direção musical de Letieres Leite, o disco Goma-Laca apresenta reinvenções a partir de temas do candomblé, capoeira, emboladas, jongs e maracatus gravados originalmente entre as décadas de 20 a 50.

No site **www.goma-laca.com** você encontra levantamento inédito dos primeiros discos de música afrobrasileira, audição e download gratuito do álbum que você tem em mãos, gravações originais em 78 rpm, programas de rádio, entrevistas, artigos, vídeos e fotos.



NOVAS ÓRBITAS: 78 RPM

BIANCAMARIA BINAZZI

A partir de pescarias em acervos digitais, relançamentos em vinil e CD e arquivos de coleções particulares disponíveis em blogs e redes gramofônicas, criamos o repertório deste disco sem colocar para girar nenhuma chapa. É difícil “pegar” um 78 rpm para escutar. Bom saber que em tempos digitais a música já pode resistir à poeira, quedas, riscos, mudanças e netos desaparecidos.

Assim como os discos, a inspiração musical dos africanos escravizados no Brasil e seus descendentes resiste também. Em tempos em que a prática musical afrobrasilera era motivo de dura perseguição policial, desde as rodas de capoeira até os cultos religiosos, as histórias contadas por João da Baiana, J.B. de Carvalho, Almirante e Mário de Andrade mostram o desafio de revelar no disco, no rádio, no palco ou na rua, o mexemexer dos atabaques ancestrais. Sem intenções etnológicas musicais ou religiosas, buscamos um recorte fonográfico, à procura de rastros da música de tradição oral na indústria do disco que acabava de nascer. Cantigas de longe, no relógio e no mapa.

A busca pelos discos e suas histórias começou no acervo da Discoteca Oneyda Alvarenga do Centro Cultural São Paulo, a casa do Goma-Laca. Idealizada por Mário de Andrade em 1935, a Discoteca tinha a missão de formar músicos e compositores a partir do acesso à música “folclórica” e de concerto. A pesquisa seguiu pelas

“Tabaque mexemexia acertado num ritmo que manejou toda procissão”.

Mário de Andrade — Macunaíma — Macumba

coleções particulares de dois grandes guardiões da música tradicional popular em tempos de gramofone: Almirante (MIS-RJ) e Mário de Andrade (IEB-USP). No acervo de Almirante, além dos discos, estavam as fotografias da gravação do programa *Curiosidades Musicais*, em que o músico e radialista levou para o estúdio da Rádio Nacional o “*bárbaro e curioso*” berimbau. Da coleção de Mário conhecemos os famosos encartes de cartolina em que o poeta-musicólogo escrevia suas impressões sobre cada disco, e escutamos a versão reprovada do batuque africano “Babaô Mi-loquê”, de Josué de Barros, ainda mais experimental e provocadora. Uma tarde com Vanja Orico, no Flamengo, despertou uma escuta-conversa sobre Zé do Norte e Caymmi, mensageiros da tradição popular que vinha do Nordeste para desembarcar no disco. As chapas que faltavam foram encontradas nos acervos particulares dos amigos de chiado Dijalma Cândido, Miguel Nirez e Gilberto Inácio Gonçalves. Completado o álbum, os discos estavam prontos para o ritual Goma-Laca.

No estúdio, o maestro dançarino senta, escuta o 78 rpm em mp3 e reconhece alguma coisa de lá. Pé. Joelho gira. A música veste os braços e alcança os dedos que dançam. Partículas pulsam pelos ares, e o velho disco recomeça a girar numa órbita ainda mais furiosa que as 78 por minuto. Obrigada a todos que conduziram esta música de longe até aqui, viva e nova.



SÃO PAULO, FEVEREIRO 2014

RONALDO EVANGELISTA

Criar junto é uma experiência íntima. Compartilhar inspirações e realizações demanda não apenas confiança como simbiose. Exercício de entrega e atenção, criação espontânea de acordo com momento, emoções, parceiro. As sessões de gravação do disco Goma-Laca, durante alguns dias no estúdio Traquitana, aconteceram sob clima mágico e calor. Canalizando sensibilidades e sonoridades, o maestro Letieres Leite desenhou arranjos a partir do encontro com cada músico, da personalidade de cada cantor, de inflexões de cada canção, da vontade de cada clave rítmica.

Estudo clássico e metodologia formal fazem parte da linguagem de Letieres, mas sua formação e abordagem vem embebidas da tradição oral que sobrevive os ritmos ancestrais inesgotavelmente influentes para a música popular contemporânea. Liderando a banda com seu gan e sua flauta, como um Abigail Moura ou um Moacir Santos em versão de câmara, Letieres montou temas para pequena banda com uníssonos de baixo acústico e piano elétrico, sobre bateria energética e elegantes claves de percussão afrobaiana. Sonoridade *spiritual jazz* de elementos passados e presente, sacros e profanos.

Foi uma semana intensa dentro do estúdio, entre sessões de criação e gravação. Coletivo inspirado: banda se conhecendo, se ouvindo e se respondendo, aprendendo e ensinando, com maestro a um milhão por hora. Arranjos nascendo da energia somada regida por Letieres, sobrepondo ostinatos de contrabaixo e mão esquerda do

piano, liderando o cortejo do ritmo, dançando intenções, passeando por convenções e variações, criando riffs e solos e especiais, solfejando partes, moldando mapas, jogando ideias para músicos e cantores e sentindo o que gerava o atrito criativo.

Para captar à vera o que surgia, gravamos à moda antiga, sem exagerar a microfonação, em menos de 16 canais, com a banda na mesma sala, se olhando, quase sem fone de ouvido, som quente, tudo ao vivo, tocando todo mundo junto, incluindo a voz. Atenção, silêncio no estúdio, gravando, tocávamos no máximo dois ou três takes e o bom valia. Quase sempre o primeiro inteiro já foi o valendo, pronto.

Deu caldo juntar o maestro baiano com a banda especialmente formada, músicos instigantes de São Paulo, cantores passionais e repertório escolhido com carinho. Emocionante assistir o solo de bateria de Sergio Machado de tirar o fôlego na abertura de “Minervina”, a expressividade de Marcos Paiva ao contrabaixo na parte B de “Ogum”, o batuque de piano em “Batuque” ou o incrível solo em “Do Pilá” de Hercules Gomes, o solo de flauta em G de Letieres em “Ogum”, a percussão aristocrática do mestre Gabi Guedes por todo o disco.

Juntos na viagem, intérpretes que se jogaram sem rede de proteção no descobrimento musical. Corrente de criatividade buscando as origens e atualidades das canções e encontrando juntos novos significados. Lucas Santtana à vontade, malandro e casual relendo nosso ídolo Almirante, na ponte entre embolada e rap cantado. Karina Buhr representando vento e passarinho fora da gaiola, girando a lua com cantos imbuídos dentro da gente. Russo Passapusso em ponto de bala de sensibilidade e talento, bebendo com sede e personalidade tudo entre candomblé e afoxé, jazz e funk, ragga e capoeira, Bahia, Brasil, São Paulo e Mundo. Juçara Marçal cada vez mais no auge de sua voz, cantando com Russo e liderando o ritual amoroso. Toda música é sagrada.





◆ **EXU** (BX - RNA -14-00001)
(Domínio Público)

Antigo e poderoso, o “Canto de Echú” foi lançado em janeiro de 1931 pelos Filhos de Nagô, com direção de Felippe Nery da Conceição (Parlophon 13254-B). O fonograma integra o 78 rpm “Candomblé”, registro histórico de grande valor etnográfico, um dos primeiros discos comerciais brasileiros cantados em iorubá. Evitando adaptações na letra, ritmo e harmonia, prática muito comum neste período de nascimento da indústria fonográfica, a gravação busca registrar com fidelidade a musicalidade dos rituais. O mesmo canto também foi documentado em Salvador entre 1941 e 1942 por Jean Melville e Frances Shapiro Herskovits, na gravação “Ketu for Eshu”, e lançado no álbum *Afro-Bahian Religious Songs*, disponível no acervo da Divisão de Música da Biblioteca do Congresso norteamericano. O motivo *Exu Tiriri* também aparece em gravação realizada no Terreiro do Gantois na Bahia em 1961 por Salomão Scliar, dentro da série *Documentos Folclóricos Brasileiros* da Editora Xauã. ◆ Em saudação ao orixá do princípio e da transformação, Juçara Marçal abre o disco citando também o canto “Imbarabô” e a banda segue girando o arranjo mântico.

Letieres Leite Arranjo, Regência e Gan | Gabi Guedes Atabaques | Hercules Gomes Piano Elétrico
Fender Rhodes | Marcos Paiva Contrabaixo Acústico | Sergio Machado Bateria | Juçara Marçal Voz



◆ **BATUQUE** (BX - RNA -14-00002)
(Domínio Público)
*com citação de “Ponte de Safena”, de Russo Passapusso

A crítica da chapa, no jornal *O País* em 1929, revelava a sonoridade de um universo desconhecido: “*Batuque’ é monumental. Quem o ouve adquire a impressão exata de estar presente, sem que ninguém o veja, às prodigiosas festas íntimas dos negros, verdadeiras reuniões privativas dessa raça nas quais ela passa momentos de completa independência e dá largas à sua natureza meio selvagem. Nessa música temos a África tornada brasileira e revemos os tempos em que o negro nas suas reuniões privadas, às vezes de caráter algo religioso, dava expansão à sua revolta contra a tirania exercida pelo branco.*” Lançado em disco em 1929 pela cantora e folclorista pernambucana Stefana de Macedo em arranjo para duo de violões, “Batuque” (Columbia 5.093-A) apontava no selo sua origem no Século XVII: “Dança do Quilombo dos Palmares”. ◆ Enquanto Hercules Gomes faz de seu piano o atabaque ancestral, Russo Passapusso revive o lamento negro e improvisa sobre o canto de resistência e libertação.

Letieres Leite Arranjo, Regência e Atabaque | Gabi Guedes Atabaques | Hercules Gomes Piano Elétrico
Fender Rhodes | Marcos Paiva Contrabaixo Acústico | Sergio Machado Bateria | Russo Passapusso Voz



♦ **MINERVINA** (BX - RNA -14-00003)
(Domínio Público)

A toada nordestina registrada pela atriz e cantora Vanja Orico em disco de 1954 (RCA Victor 80.1257-B) integra a trilha sonora do filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, lançado em 1953. A seleção musical do filme apresenta temas do cangaço recolhidos e/ou compostos pelo músico e radialista paraibano Zé do Norte, que também assina canções como “Sodade meu bem, sodade”, “Lua Bonita” e “Mulher Rendeira”. No 78 rpm, as violas do sertão são substituídas por um inusitado órgão elétrico que contrabalança com o singelo acalanto de Vanja. Em 1976, Milton Nascimento gravou no disco *Geraes* parte do tema de “Minervina” com o título “A Lua Girou”, em adaptação sua do tema popular que já ganhou diversas leituras. ♦ Karina Buhr resgata a doçura maliciosa da canção, embalada pelo arranjo lunar da flauta de Letieres Leite. Inspirado solo de bateria de Serginho Machado na abertura da faixa desperta e chama pra ver a lua, enquanto no órgão Farfisa Hercules Gomes dá continuidade aos experimentalismos elétricos do disco original.

Letieres Leite Arranjo, Regência, Ferros e Flauta em G | Gabi Guedes Atabaques | Hercules Gomes Piano Elétrico Fender Rhodes e Órgão Farfisa | Marcos Paiva Contrabaixo Acústico | Sergio Machado Bateria | Karina Buhr Voz



♦ **DO PILÁ** (BX - RNA -14-00004)
(Jararaca, Augusto Calheiros e Zé do Bambo) *Todamérica Edições LTDA

O município de Pilar fica em Maceió, na Alagoas natal de Jararaca e Augusto Calheiros. Lançado em 1938, o rojão nortista “Do Pilá” foi gravado pelo trio vocal de Jararaca, Augusto Calheiros e Zé do Bambo, acompanhados pelo grupo do bandolinista pernambucano Luperce Miranda (Odeon 11.582-A). Além de nos levar às conversas-caminhadas dos cantadores da região, a gravação original também tem forte inspiração pernambucana, talvez pela atuação dos intérpretes em grupos como Turunas Pernambucanos (Jararaca) e Turunas da Mauricéia (Augusto Calheiros e Luperce Miranda). Em 1950, o rojão “Do Pilá” também foi gravado (Continental 16.227-A) pelo Trio Melodia, formado por Nuno Roland, Paulo Tapajós e Albertino Fortuna. Em 1976, Tom Jobim universalizou o tema, incorporando o refrão na sua obra “O Bôto”, lançada no disco *Urubu*. ♦ Na reinvenção do quinteto com Letieres, Karina Buhr traz na língua o sotaque dos Turunas e sustenta a pisada, cheia de fitas, no caminho do sertão, com momento de brilhante solo de piano de Hercules.

Letieres Leite Arranjo, Regência, Agogô e Flautas | Gabi Guedes Atabaques e Agogô | Hercules Gomes Piano Elétrico Fender Rhodes | Marcos Paiva Contrabaixo Acústico | Sergio Machado Bateria | Bruno Morais, Ronaldo Evangelista e Décio 7 Coro | Karina Buhr Voz



◆ **PASSARINHO BATEU AZA** (BX - RNA -14-00005)
(Motivo popular adaptado por Donga e Almirante) *Direitos Reservados

Originalmente, o samba “Passarinho Bateu Asas”, de autoria atribuída a Donga, foi gravado por Francisco Alves em 1928 (Odeon 10160-A). Em 1940, Almirante o identificou como motivo popular e lançou o tema, com novos versos, na chapa “Passarinho Bateu Aza” (Odeon 11875-A). Dois anos depois, o maestro Leopold Stokowski aportava no Rio de Janeiro em missão etnográfica que anunciava gravar “a mais legítima música brasileira tocada primorosamente por músicos nativos”, em um estúdio montado dentro do navio Uruguai, que rendeu o disco *Native Brazilian Music* (Columbia 36508). Lançada neste álbum internacional está “Passarinho Bateu Aza”, pela dupla Zé e Zilda, com versos semelhantes aos de Francisco Alves: “*meu benzinho diga, diga / de tua boca confesse / se já encontrou no mundo / quem tanto amor lhe quisesse*”. Versos, aliás, bem mais antigos, identificados em recolhimentos em Sergipe, Rio Grande e Ceará citados por Silvio Romero no livro *Cantos Populares do Brasil* em 1883 e por Leonardo Mota no livro *Cantadores* em 1921. ◆ Em pleno voo musical, Lucas Santanna senta praça no batalhão do amor, vê a morena na roda e canta a versão alada e ligeira de Almirante, acompanhado de piano sabor choro.

◆ **VOU VENDER MEU BARCO** (BX - RNA -14-00006)
(Valentim dos Santos e Marinho Costa Lima) *Direitos Reservados

Formado pelos gaúchos Alberto Ruschell, Francisco Pacheco, Luiz Bonfá e Luiz Telles, o Quarteto Quitandinha interpretava, principalmente, ritmos rurais típicos, como toadas, aboios e rancheiras. Gravado como “samba-jongo” em 1946, “Vou vender meu barco” (Continental 15.701-A), tem gosto de canto de tradição popular. A gravação traz também leves ecos da melodia de “Ogum” assinada por Milton Bittencourt e gravada pelo conjunto vocal Quarteto de Bronze em 1945 (Odeon 12566-B), um ano antes dos Quitandinhas. Com o mote “Vou vender meu barco”, a canção também é interpretada pelo cantor de 90 anos da Ilha do Marajó Mestre Laurentino, com alguns versos e trechos diferentes do quarteto Quitandinha. Tema de praias do Rio Grande do Sul à Ilha ao Pará. ◆ Aproveitando o mote da canção praieira, Lucas Santanna e o quinteto com Letieres na flauta experimentam arranjo impressionista, navegando sonoridade de mares e tempestades.

Letieres Leite Arranjo e Regência | Gabi Guedes Atabaques | Hercules Gomes Piano Elétrico Fender Rhodes | Marcos Paiva Contrabaixo Acústico | Sergio Machado Bateria | Lucas Santanna Voz

Letieres Leite Arranjo, Regência, Ferros e Flauta | Gabi Guedes Atabaques e Caxixis Hercules Gomes Piano Elétrico Fender Rhodes | Marcos Paiva Contrabaixo Acústico Sergio Machado Bateria | Lucas Santanna Voz

♦ **OGUM** (BX - RNA -14-00007)
(Domínio Público)

Tema de Ogum registrado em disco pelos Filhos de Nagô em 1931, sob direção de Felipe Nery da Conceição, no álbum *Candomblé* (PARLOPHON 13254-B). Tão impactante que o jornal *Correio da Manhã*, em nota sobre o lançamento do disco à época, comentava a “selvageria dos batucadores”. Uma adaptação lírica do tema foi gravada em 1948 pela soprano Bidú Sayão e o pianista norteamericano Milne Charnley no disco *Folk Songs of Brazil* (Columbia), com harmonização de Ernani Braga, como “Ogundê Uarerê”. Canto africano intercontinental, também é encontrado em Cuba em 1957, gravado pelo grupo de Cândido Martinez (“Song for Ogun”), em registros que fazem parte da Biblioteca do Congresso dos EUA. Expressivo tema que nos anos 60 chegou ainda ser interpretado pelo jazzista John Coltrane e em 1973 ganhou versão sublime em adaptação de Dadi-nho e Mateus Aleluia com o grupo vocal baiano Tincoãs. ♦ Seguindo o ostinato profundo e a batida forte, Juçara entra arrepiando a nuca e cortando rente. Letieres responde o diálogo com solo elevado de flauta em sol, som clássico e contemporâneo.

Letieres Leite Arranjo, Regência, Gan e Flauta em G | Gabi Guedes Atabaques | Hercules Gomes Piano Elétrico Fender Rhodes | Marcos Paiva Contrabaixo Acústico | Sergio Machado Bateria | Juçara Marçal Voz



“Candomblé” — “Filhos de Nagô” sob a direção de Felipe Nery Conceição. N. 13.254.

O disco constitui interessante apanhado de quatro modalidades musicais do misterioso candomblé. “O durê”, “Erinã”, “Canto de Echu” e “Canto de Ogun” ali passam com os seus aspectos curiosos, fervendo com a selvageria dos batucadores e dos melopeístas. Como documentação folk-lórica, inclusive, esta chapá tem o mesmo subido valor de similares já aparecidas.

Disco interessantíssimo de grande importância folclórica



♦ **BABAÔ MILOQUÊ** (BX - RNA -14-00008)
(Josué de Barros) *Direitos reservados

Batuque gravado pelo violonista e compositor baiano Josué de Barros em 1929 com a Orquestra Victor Brasileira (Victor 33253-A). Originalmente, Josué havia gravado o batuque de inspiração africana com o título “Congo Malabá”. Ainda mais rústica e inventiva, a versão foi reprovada e adaptada para o “Babaô Miloquê”. Sempre de ouvidos atentos a quem fazia coisa nova desencavando passados, o poeta-musicólogo Mário de Andrade descreve a chapa como “uma das grandes vitórias da discografia nacional”. Em 1977, cantando a “Patuscada de Gandhi”, do afoxé Filhos de Gandhi, Gilberto Gil em seu disco *Refavela* revive elementos que inspiraram Josué de Barros - de “Ô Mamá Maimô, Babá / Babaô Miloquê, Jocô” para “Ê Mori Moriô, Babá / Babaô Quiloxê, Jocô”. ♦ No rastro daquela música “admirável como caráter, tradição, invenção e riqueza de combinação instrumental”, Russo Passapusso explora a vibração da voz e das peles percutidas por Gabi Guedes e tranquilamente todos vão aonde a música pede.

Letieres Leite Arranjo, Regência, Ferros e Atabaque | Gabi Guedes Atabaques e Ferros
Hercules Gomes Piano Elétrico Fender Rhodes | Marcos Paiva Contrabaixo Acústico
Sergio Machado Bateria | Russo Passapusso Voz



Uma das grandes vitórias da discografia nacional. Admirável como caráter, tradição, invenção, riqueza de combinação instrumental. No Babaô o ambiente se percussão lembra o dos maracatus pernambucanos.





♦ **GURIATÃ** (BX - RNA -14-00009)
(Domínio Público)

Cantiga do Norte do Brasil registrada em 1930 por Ratinho (Severino Rangel) como “Guriatã de Coqueiro” com os Batutas do Norte (Odeon 10656-A). Em 1933, a soprano e pesquisadora brasileira Elsie Houston gravou, na França, um arranjo próprio para o coco “Juriatan - Paroles et musique du folklore” (Gramophone Company), acompanhada por Carlitos e sua Orquestra Brasileira. Dois anos depois, Heitor Villa-Lobos indica a composição como um tema sertanejo tradicional recolhido por Ratinho na partitura manuscrita de “Pássaro Fugitivo”, gravada com a soprano alemã Beate Rosenkreutzer. Em sua conferência literária *Música de feitiçaria no Brasil*, Mário de Andrade reforça o aspecto de canção de inspiração popular e aponta no “Guriatã de Coqueiro” “fiapos” de linha da entidade “Mestre Carlos”, do catimbó: “essa melodia está mesmo tão vulgarizada no Nordeste que algumas das suas frases se tornaram verdadeiras frases-feitas da melódica nordestina”. ♦ Na nova versão do tema que Mário chama de “um dos mais bonitos discos populares que possuímos”, Karina Buhr veste a alfaia e canta o passarinho remedador e suas inspirações afroindígenas.

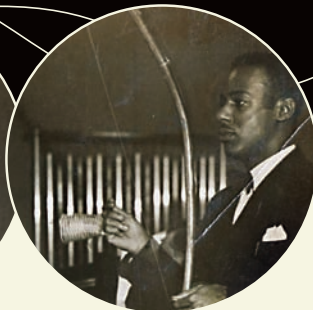




♦ **NÃO TENHO MEDO, NÃO** (BX - RNA -14-00010) (Almirante e Chico Catolé) *Direitos reservados

As emboladas eram especialidade de Almirante desde o início de sua carreira musical, quando cantava com o Bando de Tangarás, ao lado de Noel Rosa, João de Barro, Henrique Brito e Alvinho. Em 1936, Almirante gravou “Não tenho medo não”, uma parceria com Chico Catolé, acompanhado pelo Regional de Benedito Lacerda (Victor 34045). Com letra de autoafirmação bem humorada, Almirante esbanja gírias da urbanidade carioca, e, de navalha na mão, desafia até Lampião com seu vocabulário afiado na língua da malandragem. Causo urbano em primeira pessoa, brigas contra as arrelias, sem medo de valentão, bem armado de palavras. ♦ Captando o proto-rap imbuído no ritmo da fala e velocidade dos versos da embolada, Lucas calmo e sem medo se joga na rinha, enquanto a banda se complementa e se responde sob a regência de Letieres, com direito a final de susto, atenção.

Letieres Leite Arranjo, Regência e Flauta | **Gabi Guedes** Atabaques | **Hercules Gomes** Piano Elétrico
Fender Rhodes | **Marcos Paiva** Contrabaixo Acústico | **Sergio Machado** Bateria | **Bruno Moraes,**
Ronaldo Evangelista, Décio 7, Cris Scabello e Mauricio Fleury Coro | **Lucas Santtana** Voz



♦ **CALA BOCA MENINO** (BX - RNA -14-00011) (Tema de capoeira da Bahia adaptado por Dorival Caymmi) *Editora Rosa Morena *com citação de “Paraquedas” de Russo Passapusso

“Minha não é, mas eu assumo!”, respondeu Dorival Caymmi em 1973 à pergunta de João Donato sobre quem era o autor da canção que estava gravando, “Cala boca menino” (ensinada a Donato por Nana Caymmi). Já quase quatro décadas antes, Almirante contava na Rádio Nacional que tratava-se de um tema tradicional de capoeira, com o nhem-nhem-nhem imitando o choro de criança. Na edição de 20 de junho de 1938 do programa *Curiosidades Musicais*, sobre manifestações do folclore brasileiro, Almirante levou ao estúdio, pela primeira vez na história do Rádio, o berimbau, “rudimentar e bárbaro instrumento afro-brasileiro”. Até 1940, a prática de capoeira era considerada crime por vadiagem pelo Decreto 487 (“Dos Vadios e Capoeiras”), de 11 de outubro de 1890. No programa, o radialista cantava e comentava cantigas e histórias da capoeira da Bahia, acompanhado pelos berimbau dos capoeiras baianos Geraldo Conceição e Valter Vasconcelos (foto). ♦ Letieres Leite incorpora o balanço pós-Donato com Hercules no Fender Rhodes para o eletrizante encontro de Juçara Marçal e Russo Passapusso pela primeira vez dividindo o microfone, de bom motivo e paraquedas na citação.

Letieres Leite Arranjo, Regência e Gan | **Gabi Guedes** Atabaques | **Hercules Gomes** Piano Elétrico
Fender Rhodes | **Marcos Paiva** Contrabaixo Acústico | **Sergio Machado** Bateria | **Juçara Marçal**
e **Russo Passapusso** Vozes

ICONOGRAFIA

◆ Rótulos dos discos

Canto de Echú - Instituto de Estudos Brasileiros IEB/USP - Fundo Mário de Andrade
Batuque - Discoteca Oneyda Alvarenga / Centro Cultural São Paulo / SMC/ PMSP.
Minervina - Discoteca Oneyda Alvarenga / Centro Cultural São Paulo / SMC/ PMSP.

Do Pilá - Coleção Particular Dijalma M. Cândido - São Paulo

Passarinho bateu Aza (Almirante) – Coleção Almirante - Fundação Museu da Imagem e do Som - MIS/RJ

Passarinho Bateu Asas (Native Brazilian Music) – Coleção Particular Dijalma M. Cândido - São Paulo

Vou vender meu barco – Coleção particular Miguel Angelo de Azevedo – Nirez – Fortaleza

Ogum - Instituto de Estudos Brasileiros IEB/USP – Fundo Mário de Andrade

Babaô Miloquê / Congo Malabá - Instituto de Estudos Brasileiros IEB/USP – Fundo Mário de Andrade

Guriatã de coqueiro - Discoteca Oneyda Alvarenga / Centro Cultural São Paulo / SMC/ PMSP.

Juriatã - Coleção Particular Dijalma M. Cândido – São Paulo

Não tenho medo, não - Discoteca Oneyda Alvarenga / Centro Cultural São Paulo / SMC/ PMSP.

◆ Manuscritos Mário de Andrade nas capas dos discos

Babaô Miloquê e Candomblé – Instituto de Estudos Brasileiros IEB/USP – Fundo Mário de Andrade

◆ Manuscrito Heitor Villa Lobos

Pássaro Fugitivo – Museu Villa Lobos / Rio de Janeiro

◆ Artigos de Jornal

Filhos de Nagô - Recorte Correio da Manhã (15/03/1931) – Hemeroteca Digital Brasileira/
Fundação Biblioteca Nacional

◆ Fotos

Capoeira: Gravação do programa radiofônico Curiosidades Musicais, de Almirante, na Rádio Nacional, em 1938. Nos berimbau, Geraldo Conceição e Valter Vasconcelos (Direitos Reservados) – Coleção Almirante – Fundação Museu da Imagem e do Som - MIS/RJ



GOMA-LACA

AFROBRASILIDADES EM 78 RPM (2014)

Concepção e Pesquisa: Goma-Laca/Biancamaria Binazzi e Ronaldo Evangelista

Direção Musical de Letieres Leite

Produzido por Ronaldo Evangelista

Gravado no Estúdio Traquitana, SP, nos dias 10, 11 e 12 de fevereiro de 2014, por Evaldo Luna, Décio 7 e Junior Zorato.

Mixado por Gustavo Lenza

Masterizado por Felipe Tichauer

Direção de Arte: Janaina Pinho e Henry Kage

Produção Gráfica: Valéria Hevia

Impressão: Indústria Gráfica Brasileira

Vídeos: Eugênio Vieira

RádioDocumentário: Biancamaria Binazzi

Produção Executiva: Agogô Cultural/Tatiana Dascal e Emilie Bloch

Realizado com o apoio do Projeto de Ação Cultural 2013.

www.goma-laca.com

Obrigado a Marcio Yonamine, Juliano Gentile, Jéssica Barreto, Aloísio Nogueira, Antonio Dantas, Chicão Santos, Edson Marçal, Vavá, Jackson, Adriane Bertini e toda a equipe do Centro Cultural São Paulo e Discoteca Oneyda Alvarenga ◆ Carlos Augusto de Andrade Camargo e a equipe do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) ◆ Anna Paes, Luiz Antonio de Almeida e o Museu da Imagem e do Som (MIS/RJ) ◆ Museu Villa-Lobos (RJ) ◆ Os colecionadores Miguel Nirez, Dijalma M. Candido, Marcelo Bonavides, Gilberto Inácio Gonçalves e toda a Confraria do Chiado ◆ Bruno Morais, Marcelo Pretto, Luisa Maita, Emicida, Rodrigo Brandão, Thiago França, Kiko Dinucci, Marcelo Cabral, Samba Sam, Wellington Moreira Pimpa, Pipo Pegoraro, Fernanda Shidomi ◆ Cesar de Paula Junior, Marcelo Perez Tomasiello e equipe da Rede Interferência ◆ Guido e Enrico Rimini e Indústria Gráfica Brasileira ◆ Monica Coelho Duarte, Ilsa Coelho Duarte, Claudia Rimini, Annamaria Binazzi, Silvana Rimini Binazzi, Piero Binazzi ◆ Vanja Orico, João Donato, Danilo Caymmi, Mateus Aleluia, Julia Alves, Enrique Menezes, Fernanda Perez, Andressa Trivelli, Anna Tereza Menezes, Dagoberto Alves, Mercedes Tristão, Gisela Ferrari, Ligia Meneghelo e Sesc Vila Mariana, Tambores Zé Benedito e Caverna, Mauricio Fleury, Josué dos Santos, Pedro Palhares e Estúdio Varanda, Fabiana Marques, Marcio Mesk Blau, Silvestre Garcia Junior, Kika Carvalho e Fernando Faro.



GOMA-LACA

AFROBRASILIDADES EM 78 RPM

- 01** Juçara Marçal – Exu (5:37)
- 02** Russo Passapusso – Batuque (3:44)
- 03** Karina Buhr – Minervina (7:05)
- 04** Karina Buhr – Do Pilá (4:53)
- 05** Lucas Santtana – Passarinho bateu aza (3:28)
- 06** Lucas Santtana – Vou vender meu barco (6:40)
- 07** Juçara Marçal – Ogum (6:05)
- 08** Russo Passapusso – Babaô Miloquê (4:40)
- 09** Karina Buhr – Guriatã (5:54)
- 10** Lucas Santtana – Não tenho medo não (2:45)
- II** Juçara Marçal e Russo Passapusso – Cala boca menino (4:43)

LETIERES LEITE DIREÇÃO MUSICAL, ARRANJOS E FLAUTA

HERCULES GOMES PIANO ELÉTRICO

MARCOS PAIVA CONTRABAIXO ACÚSTICO

SERGIO MACHADO BATERIA

GABI GUEDES ATABAQUES

REALIZAÇÃO



PRODUÇÃO EXEC.



GRAVAÇÃO



IMPRESSÃO

